

# PALCO

JUIZ DE FORA, JUNHO, 2010. ANO II, Nº 16

## ARQUITETURA MÚSICA CONCRETA

Imagine uma partitura dividida em seis compassos. A cada divisão coloque um pilar. Musicalmente falando, a composição soará seca. Para criar a melodia, acrescente, logo acima, duas pautas musicais em ritmo ternário. Agora, notas, ou melhor, janelas, com modulação dois por um, instituindo o ritmo. Na terceira repartição do térreo, erga uma porta, deixando que três compassos restantes à direita terminem em simples melodia, com um lago à frente, que equilibra todo o conjunto.

É clara a influência da música no projeto que o arquiteto e artista plástico Décio Bracher planejou na Rua Benjamin Constant para a Reitoria da UFJF, que, 40 anos mais tarde, abrigaria o Museu de Arte Murilo Mendes. Pintor das demolições, o trabalho artístico de Décio – leve e poético – está muito ligado à arquitetura e é marcado pela preocupação com a preservação do conjunto urbano, representado em suas telas. Influenciado pelo tio Frederico Bracher, aos 7 anos Décio já desenhava casas e ruas com detalhes impres-

O prédio foi construído pela Pantaleone, quando Arthur Arcuri já dizia que esse era o primeiro grande edifício da cidade a utilizar vidro daquela forma. A fachada é uma cortina de vidro: parede independente e translúcida que, voltada para o sul, não recebe a luz diretamente do sol – influência da escola alemã Bauhaus, uma das responsáveis pelo moderno pensamento arquitetônico brasileiro. Na área livre do térreo, o sistema de *pilotis* privilegia o elemento estrutural, que se repete nos outros andares, favorecendo a ambientação e limitando às paredes de alvenaria a simples função de vedação.

“O prédio é concebido como paisagem”, analisa o professor do curso de Arquitetura e Urbanismo Luiz Alberto Passaglia. As linhas clássicas tornam o edifício sóbrio e com ritmo suave, numa composição geométrica, alternada entre cheios e vazios. “O prédio foi construído para ser visto de todas as suas faces, e a transição da fachada para a lateral é perfeitamente harmônica.”



### NESTA EDIÇÃO

PERFIL  
DORMEVILLY  
NÓBREGA

MEMÓRIA  
O PIONEIRISMO DE  
PANTALEONE

ENTREVISTA  
AFONSO ROMANO DE  
SANT'ANNA

MAMM  
ESCULTURAS  
DO ACERVO

MAURÍCIO BENTES  
A LUZ DO OLHAR

sionantes. Além de arquiteto, é músico e possui formação humanista pela Fafile – Faculdade de Filosofia e Letras –, onde se graduou em História e Geografia.

Em 1921, José Procópio Teixeira havia cedido o lote para a construção do “estadinho” do Sport. Os padres da Academia de Comércio compraram o terreno em 1942, mas a empreitada para construção de escolas e do Santuário do Coração de Jesus não se concretizou. A UFJF adquiriu a área para erguer sua reitoria, em regime provisório – até que as instalações mudassem para o Campus.

O projeto era encabeçado por Nicolau Kleinsorge e pelo pai de Décio, Waldemar Bracher, a pedido do então reitor Moacyr Borges de Mattos. Décio era ainda estudante de Arquitetura e Urbanismo na UFMG e sugeriu a ampliação da ideia. “Esteticamente, era um projeto de dois pavimentos e eu passei para três. Seria apenas um galpão melhorado, mas forcei a barra porque sabia que no Brasil todo provisório se transforma em definitivo”, relembra Décio, que incluiu *hall* de entrada e auditório. Para a área lateral restante, programou um teatro, que não chegou a ser construído.

### PIONEIRISMO

Raros edifícios em Juiz de Fora contemplam a arquitetura moderna como faz o prédio da Benjamin Constant. Para não agredir a rua, o edifício, construído em “L”, foi afastado 17 metros e não utiliza o centro do lote, deixando a fachada limpa. Enquanto a maioria dos prédios utiliza o limite do terreno para levantar suas paredes, o da reitoria cede o jardim frontal ao público, integrando e dialogando com a propriedade privada.

A sobriedade está presente também na escolha dos materiais simples – um dos princípios da linguagem arquitetônica modernista. “As pastilhas brancas de revestimento eram de uso comum à época e evitam o desgaste típico na pintura, além de contribuírem para a harmonização do conjunto”, pontua Passaglia. O tradicional tijolinho se alia ao verde das esquadrias das janelas para se tornar o elemento de cor que faltava à fachada. As três palmeiras imperiais do lado direito configuram um recurso de apresentação. Do lado oposto, três mastros baixos – que não afrontam o próprio prédio – equilibram o projeto: as bandeiras não têm suporte de concreto e surgem da terra.

Outro princípio é a planta livre: o interior é marcado por grandes ambientes que valorizam os elementos estruturais. A escada tem degraus vazados que ligam os três pavimentos; ao subir ou descer, o jogo de pé direito permite a visibilidade de todos os andares, e o compromisso da caixa de escada deu lugar a um jardim seco. O perfeito aproveitamento do espaço permite que os ambientes gozem de iluminação natural e tenham contato com a área externa. Os pisos dos andares superiores são de alta resistência em “granilite”, e o térreo é revestido em pedra, o que prevê a continuação do jardim externo.

Nas palavras de Décio, “o clássico permanece mais tempo em cartaz do que o efêmero”. Assim, a linguagem do edifício se torna eterna. O projeto limpo e sem curvas não prevê qualquer tipo de modismo nem adornos. “A boa arquitetura é, em si, um ornamento”, define o arquiteto. É a materialização da vitória da simplicidade sobre a sofisticação.



## RÁDIO-TEATRO PRESERVAÇÃO DA ARTE

No início do século passado, a rádio surgiu como o mais perfeito instrumento eletrônico de comunicação de massa. Logo se impôs como uma das mais notáveis instituições formadoras de opinião. O seu prestígio era inquestionável. Ouvi-la era um prazeroso deleite. Seu magnetismo empolgou todas as camadas sociais. Para cumprir os seus preceitos (educar, divertir e informar), não mediu esforços no sentido de constituir equipes de notáveis com o fim de consolidar um *status* de "potência cultural". Para tal, era indispensável a constituição de um imenso *broadcasting* de artistas consagrados e profissionais de todos os campos – um contingente capaz de sustentar a transmissão de uma programação eclética, "ao vivo", de muitas horas de trabalho.

Eram programas elaborados na base da música, do jornalismo, do humorismo, do noticiário, dos programas de auditório, do teatro. Sim. De uma forma inédita de fazer teatro, sem que o ator precisasse memorizar o texto, maquiarse ou exercitar a construção psicológica do personagem em longas temporadas de ensaios, e sem que a ação se desenvolvesse num espaço cênico (palco). Dispensava as exaustivas montagens de um espetáculo no palco, sem os ensaios de marcação, cenário, guarda-roupa, oficinas de aperfeiçoamento, que atingiam os poucos espectadores que pagavam ingressos.

O grande negócio era produzir novelas. Novelas que encantavam o público pelo seu conteúdo dramático, apaixonado, enigmático. Tão bem escritas e representadas que, quem as ouvia, e tinha imaginação fértil, não raras vezes, ingenuamente, as confundia com um acontecimento real ocorrido naquele instante. Muitas fizeram tanto sucesso que até hoje são citadas como obras-primas que influenciaram o modo de ser, vestir e viver dos ouvintes. E é espantoso constatar que o referencial do que estava "em cena" era apenas o som. O som das palavras e o modo como eram pronunciadas num estúdio com equipamento de sonofonia (som produzido na hora, por profissional ligado à contra-regra) e de sonoplastia (sons

gravados em acetato e reproduzidos por um toca-discos instalado numa mesa de som).

Guardadas as proporções, Juiz de Fora produzia uma rádio de qualidade, inspirada na filosofia de comunicação das emissoras do Rio de Janeiro, principalmente a Rádio Nacional (padrão seguido pela Rádio Industrial) e a PRB-3 (Rádio Sociedade de Juiz de Fora, que adotava o estilo da Tupi). Também tinham seus elencos de rádio-teatro e transmitiam novelas e programas originais produzidos pelos autores locais, como Raimundo de Oliveira, Padre Wilson Vale da Costa, Luiz Fernando, Affonso Fabri.

Com o advento da televisão, a rádio sofreu uma radical transformação funcional. Passou à condição de "imenso" toca-discos, apresentando músicas gravadas durante toda a programação. Acabaram seus elencos de músicos, atores e humoristas, que se transferiram para a TV, carreando os autênticos talentos e as grandes contas de publicidade. Enquanto a TV aparecia como a nova e promissora opção de entretenimento para as massas, a rádio vivia sua pior crise institucional com seus *disk-jockeys* e animadores de estúdio desmotivados, mas incansáveis na procura de uma solução para a crise que felizmente já está superada.

A rádio vive hoje uma nova fase de sua história, prestando serviços inestimáveis à comunidade através de um jornalismo dinâmico e atuante, com a contribuição dos cursos de Comunicação das universidades e algumas emissoras do Rio e de São Paulo que ainda guardam espaços para o rádio-teatro. Em Juiz de Fora, um grupo de artistas de rádio, teatro, cinema e televisão, com o auxílio da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, tem utilizado a técnica do rádio-teatro para gravar em CD a história de seus pioneiros ilustres. Um meio de resgatar, preservar e perpetuar uma atividade apaixonante cuja memória já vai se perdendo no tempo.

Natálio Luz  
Comunicador

## PERFIL DORMEVILLY NÓBREGA

"Dói muito, mas ainda bem que está indo para a Universidade". Palavras de Daury Nóbrega ao ver o acervo de seu pai, Dormevilly Nóbrega, ser transferido para a UFJF. Em seis cômodos de sua casa, no Bairro de Lourdes, Dormevilly guardou 18 mil livros e 16 mil jornais, além de discos de vinil e obras de arte.

Nascido em 17 de dezembro de 1921, em Três Corações (MG), Dormevilly veio para Juiz de Fora em 1932. Incentivado pelo avô, adquiriu o gosto pela leitura. Coleccionava tudo. "Ele era uma pessoa meticulosa, organizada. Lembro-me de que usava latinhas de sopa de criança para guardar pregos, parafusos. Tudo separado por tamanho e forma", recorda a professora e escritora Leila Barbosa. Aos 13 anos, deu início à sua maior coleção. "A vida dele era a biblioteca. Quando nos mudávamos, os livros iam primeiro, depois a gente", conta Daury.

Além de colecionador, Dormevilly foi jornalista, escritor e, em 1963, foi indicado pelo então governador de Minas, Magalhães Pinto, para ser interventor da cidade de Belmiro Braga. "O primeiro verso que meu pai escreveu, ele mostrou para Belmiro Braga, que também estudava no Granbery. E Belmiro falou: 'Gostei, é bonitinho. Mas tem que melhorar'", relembra Daury.

Dormevilly preservou a memória mineira, principalmente a de Juiz de Fora. Em seu acervo, há pelo menos uma cópia de tudo que foi publicado na imprensa da cidade. O jornalista foi diretor de três rádios locais (Industrial, PRB-3 e Difusora) e da TV Industrial, além de ter escrito para jornais do Rio de Janeiro, Barbacena, Pernambuco e Belo Horizonte.



Trabalhou na rádio em Recife, onde conheceu sua esposa, Darcylia. Em 1953, após alguns anos em Pernambuco, veio para Juiz de Fora com a mulher e os filhos, Dormevilly Jr., Daury e Daltony.

Sempre atento com os visitantes do acervo, o jornalista chegou a montar uma sala com computador e xerox, especialmente para estudantes e suas pesquisas. "Quando chegávamos, tudo já estava separado. Se na hora faltasse alguma coisa, ele sabia em qual estante estava", recorda Leila Barbosa. Leila realizou, junto com a também escritora e professora Marisa Timponi, inúmeras pesquisas no acervo.

Após a morte da esposa, em 1978, o jornalista se dedicou integralmente aos livros. Transformou um dos cômodos da biblioteca em quarto e lá escreveu suas colunas e livros até sua morte, em 2003. "Quando eu entrei no escritório depois que meu pai morreu, comecei a mexer nos papéis procurando documentos e encontrei uma carta de despedida. Tranquei o escritório e não entrei mais. Na carta, ele dizia que estava indo para encontrar minha mãe", lembra Daury, com os olhos marejados, segurando a carta. Sua esposa, Darcylia, foi vítima de atropelamento em 18 de abril de 1978. Coincidentemente, Dormevilly faleceu 25 anos depois, no dia 18 de abril de 2003.

O acervo de Dormevilly Nóbrega foi adquirido pela UFJF em 2010 e passará por processo de higienização para depois ser exposto ao público. A coleção será armazenada em uma sala especial no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM).



## MEMÓRIA PANTALEONE ARCURI

Na década de 70 do século XIX, por ocasião do primeiro movimento significativo de imigração italiana para o Brasil, 47 mil e cem habitantes de uma Itália recém-unificada desembarcaram por aqui para "fare l'America". Um deles era o menino Pantaleone Arcuri, que chegou ao Rio de Janeiro, com 8 anos, em 1876, junto com seu pai, o mestre de obras Angelo Raffaele Arcuri. No curso da História, o caminho de Pantaleone se cruzaria com o de Juiz de Fora, alterando para sempre o destino da cidade.

Como o pai encontrou dificuldades para trabalhar e mantê-lo, Pantaleone, órfão de mãe, teve de retornar a seu país de origem, onde foi criado por uma tia. Quando voltou ao Brasil, aos 20 anos, e já formado na mesma profissão do pai, não veio como um imigrante comum, mas fazendo o circuito de alguém que tinha contatos por aqui. Esse percurso o trouxe a Juiz de Fora, onde já viviam alguns parentes, integrantes da família Spinelli.

Sua desventura para os negócios e apurado senso de oportunidade o levaram a abrir, em 1895, a Construtora Pantaleone Arcuri & Timponi, que, mais tarde, se tornaria Cia. Industrial e Construtora Pantaleone Arcuri & Spinelli. "Pantaleone se articulou com vários políticos e empresários locais", observa o pesquisador e arquiteto Marcos Olender, autor da tese de doutorado *Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri*. "Até mesmo um dos antigos presidentes do Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Andrada, chegou a ser sócio da firma."

Entre as edificações da construtora, destacam-se o Monumento do Cristo, o prédio da Prefeitura Municipal (hoje Funalfa), o Cine-Theatro Central, o Instituto Estadual de Educação (Escola Normal), a Casa D'Itália, o Sport Clube e parte da Santa Casa de Misericórdia. "A atual paisagem urbana de Juiz de Fora deve muito à Companhia, que construiu a maior parte do patrimônio cultural arquitetônico da cidade", salienta Olender.

Os filhos de Pantaleone também se envolveram com as atividades, tanto no âmbito da engenharia e da construção civil, quanto na parte de

administração. "A maior contribuição de meu pai para Juiz de Fora foi seu tino empreendedor, de visão empresarial, aliada a seu lado humano, sempre ajudando no desenvolvimento da cidade e investindo, inclusive, dinheiro próprio em vários empreendimentos", revelou o engenheiro-arquiteto Arthur Arcuri, filho caçula de Pantaleone, que faleceu, aos 97 anos, em 24 de maio deste ano.

Arthur ressaltou o pioneirismo de seu pai, ao lembrar, entre outros feitos, que foi na construção da antiga sede da Companhia, na Rua Espírito Santo, que se utilizou o concreto armado pela primeira vez em Juiz de Fora. "Essa era uma novidade que chegou à cidade em 1924, quando meu pai ergueu a edificação que hoje é conhecida como prédio da Pantaleone Arcuri", disse. "Foi nesse prédio e nas construções da firma dos dois lados da Espírito Santo que Pantaleone se firmou como um dos maiores empresários da região, pois ele tinha a maior fábrica de ladrilhos hidráulicos de Minas Gerais, uma fábrica de telhas de cimento amianto, uma serraria e uma carpintaria, além de uma loja de materiais de construção."

Com a compra da patente nacional do cimento amianto, na década de 40 do século XX, Pantaleone se tornou o primeiro construtor da América Latina a fabricar telhas com o produto. Naquela época, o amianto, proveniente do Canadá, passava pelo porto do Rio de Janeiro, chegando de trem a Juiz de Fora. "Os trilhos se estendiam para dentro do galpão da Companhia", recordou Arthur. A herança do imigrante italiano para a cidade se estendeu ao setor automotivo, pois a Companhia se tornou a primeira revendedora Fiat no município.

Pantaleone Arcuri transformou a cidade tanto visualmente, quanto no aspecto econômico. Ao que parece, os altos e baixos da História colaboraram para trazê-lo a Juiz de Fora – que jamais seria a mesma depois de sua chegada.

GP

## ENTREVISTA AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

O escritor mineiro Affonso Romano de Sant'Anna é o tipo de pessoa que parece ter vivido muitas vidas em uma. Além de ter mais de 50 livros publicados, atuou como professor em diversas universidades brasileiras e em algumas do exterior, como jornalista dos principais veículos de comunicação do país e, por seis anos, como presidente da Biblioteca Nacional. Na autobiografia disponível em seu site oficial ([www.affonsoromano.com.br](http://www.affonsoromano.com.br)), revela, ainda, outros feitos – como o de ter assistido pessoalmente ao final do comunismo, em Moscou, e de ter "salvado" a vida de muitos jovens americanos que poderiam morrer na Vietnã.

Juiz de Fora completou 160 anos no mês de maio. O que a cidade significa para você e como você a vê, hoje?

Foi aqui que me formei, no Grupo Escolar Fernando Lobo e no Granbery. Aqui fiz serviço militar, segurei fuzis e fiquei sentinela na Estação. Aqui comecei a escrever para a Gazeta Comercial e o Diário Mercantil. Aqui fui baleiro de cinema, e minha frustração foi não ter sido baleiro do Cinema Central.

Seu casamento com a escritora Marina Colasanti é também uma parceria intelectual? Há um diálogo entre o trabalho de vocês?

Total. Cama, mesa e escritório. Livros surgem de diálogos, estímulos, viagens conjuntas. Um lê o mundo através do outro.

O que você pensa da relação entre literatura e mídias digitais? Estaríamos diante de um novo suporte literário?

É o máximo. Amigos me chamaram para fazer uma editora digital. Tenho site/blog e agora a Ed.Rocco fez um blog ([www.quepaiseesteolivro.com](http://www.quepaiseesteolivro.com)) só para comemorar o próximo lançamento de *Que país é este?* e celebrar os 30 anos da primeira edição. Minha experiência como presidente da Biblioteca Nacional me ensinou a ver que os suportes mudam, vão mudar, mas a leitura permanece.



Por que, atualmente, não temos mais tanto espaço para a literatura nos jornais?

Os jornais sucumbiram à sociedade do espetáculo. Hoje, eles trazem reportagens e fotos em vez de análises de livros. E a Flip, que é interessantíssima, é uma síndrome: se você não for um "show man", se não tiver um bom divulgador, se não ficar pelado em praça pública, não prestam atenção em você.

Qual é o papel da poesia no mundo de hoje, caracterizado pela velocidade, o consumo e o individualismo?

Incrível como a poesia é a linguagem arcaica mais eficiente na sociedade pós-moderna. Ela está presente na publicidade, na música popular e, às vezes, nos livros de poesia. Ela toca espaços intocados por outras linguagens.

Você acha que o brasileiro ainda lê pouco, ou essa realidade já está mudando?

Lê cada vez mais. Houve uma grande mudança na que tange a bibliotecas e políticas de leitura. Vejo com alegria que projetos nossos na Biblioteca Nacional estão sendo realizados hoje, como os "mediadores de leitura", o esforço por zerar a carência de bibliotecas nos municípios brasileiros. Temos que mudar o bordão, ao invés de "o brasileiro não lê", dizer: "o brasileiro está lendo cada vez mais".

GP

# AGENDA

## CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n.  
(32) 3215-1400  
www.theatrocentral.oversec.com.br

13.06 Noite de gala de ballet,  
Cia IV Ato  
26.06 Terceira Mostra de  
Dança-Educação

## FORUM DA CULTURA

Rua Santo Antônio, 1.112  
(32) 3215-3850  
www.forumdacultura.ufjf.br  
Terça a sexta: 14h às 20h30

## MUSEU DE CULTURA POPULAR

01.06 a 02.07 Festa Junina

## GALERIA DE ARTE

01.06 a 13.06 Sobreposições,  
Gustavo Machado  
15.07 a 27.07 Arte Naif

## TEATRO

Juizado de pequenas perdas,  
José Luiz Ribeiro  
De quarta a domingo, às 20h30

Até 04.07 No Reino de Nunca  
Dantes, José Luiz Ribeiro  
Sábados e domingos, às 16h45

## MAMM

### MUSEU DE ARTE

MURILO MENDES  
Rua Benjamin Constant, 790  
(32) 3229 9070  
www.mam.ufjf.br  
Terça a sexta: 10h às 18h  
Sábados e domingos: 13 às 18h

### EXPOSIÇÕES

Esculturas na coleção  
Murilo Mendes  
Galeria Poliedro

### MAURÍCIO BENTES – Esculturas

Galeria Retratos-relâmpago

### FAYGA OSTROWER: a música

silenciosa da gravura  
Galeria Convergência

### MUSICAMAMM

01.06, 20h30 Vivência de Pandeiro  
Brasileiro, Francisco Gomide –  
Carroça de Mamulengos  
17.06, 20h Darandinos

### DIÁLOGOS ABERTOS

23.06, 20h Carlos Bracher

### LEITURAS TEMÁTICAS

09.06, 19h30 Lançamento do livro  
Caminhos do Rio a Juiz de Fora,  
Mariana Amado  
10.06, 19h Lançamento dos livros  
Contadores de Histórias, de Marize  
Freesz; Juntando os Cocos, de Gedair  
Reis; e Farmácia Culinária 2, de  
Marize Freesz e Patrícia Turolla  
16.06, 19h Lançamento do livro  
Rumores discretos da subjetividade,  
de Roseane Preciosa



Tomonori Toyo Fuku, S/Título, 1963, escultura em madeira pintada e metal.



Nino Franchina, S/Título, 1958, escultura em metal.



Joaquim Roca, S/Título, 1969, escultura em bronze.

## MAMM MATÉRIA E MODERNIDADE

O apreço de Murilo Mendes pela arte toma forma e volume na exposição *Esculturas na coleção Murilo Mendes*, em cartaz no MAMM. A mostra é uma homenagem aos 109 anos do nascimento do poeta, que os completaria no dia 13 de maio.

Em meio às telas e gravuras da coleção de obras do acervo de Murilo, cinco frágeis esculturas se destacam. Presentes em sinal da amizade entre esses artistas e o poeta juiz-forano, todas as obras representam bem o contexto artístico europeu do período.

“Como se sabe, Murilo Mendes era muito bem relacionado com grandes artistas da modernidade europeia. Neste ciclo de amizades, havia uma admiração mútua entre eles, tanto no sentido intelectual, quanto artístico. Isto se evidencia na precisosidade de seu acervo”, explica a artista plástica Valéria Faria.

Próximo ao trabalho do poeta, esculpir é tirar da superfície nodosa da madeira ou da rigidez do bronze formas delicadas da matéria bruta de que são feitas também as palavras. Na escultura moderna, o interesse do artista volta-se para a relação entre matéria e espaço que, aliada à simplicidade das formas, origina obras de arte marcadamente antinaturalistas e abstratas. “Estas ideias despontaram como conceitos atemporais e, desde então, vêm influenciando todas as formas de arte dos períodos posteriores até o momento atual”, ressalta Valéria.

Entusiasta da tridimensionalidade, Murilo escreveu sobre todos os escultores presentes na mostra – resultado de seu fértil trabalho como crítico de arte. Sobre Tomonori Toyofuku, o poeta ressalta sua linguagem, “em perfeita harmonia entre artista e artesão, entre a delicadeza e a força”, que se faz presente na madeira talhada (*Sem título*, 1963), e a inegável descendência de uma cultura intensa como a japonesa.

A herança cultural se faz presente também na obra de Joaquín Roca-Rey, segundo Murilo, “neto das Incas” e artesão da metamorfose do bronze (*Sem título*, 1969), articulador de culturas várias em meio à cultura homogeneizada das massas.

“Na condição de poeta de vanguarda, Murilo Mendes nutria uma profunda admiração por este pensamento que caracterizava a grande aposta da modernidade: liberdade, originalidade e desprendimento com as normas clássicas”, explica a artista plástica Valéria Faria.

Em consonância também com esse projeto, as obras de Aldo Caló (*S/Título*, 1961), Nino Franchina (*S/Título*, 1958) e Piero Dorazio (*S/Título, s/data*) tornaram-se representativas da escultura italiana do período.

Todas as obras que compõem a exposição *Esculturas na coleção Murilo Mendes* podem ser vistas pelo público na Galeria Poliedro, no MAMM.

MF

## MAURÍCIO BENTES ESCULTOR

### FORMAÇÃO

Se a arte para Maurício Bentes é “a luz do olhar”, como descreve o crítico Marcos de Lontra Costa, ela flui por entre as frestas e rasgos luminosos das superfícies de suas obras. O Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) expõe 12 trabalhos do artista carioca na mostra *Maurício Bentes: Esculturas*, na Galeria Retratos-relâmpago.

A justaposição de temas contemporâneos e de materiais primitivos revela uma obra atemporal, em que a dinâmica dos materiais exerce, mais do que uma presença, uma poética. A aproximação de “fases arqueológicas da cultura humana” ocorre pela escolha do suporte material, mas dela também se afasta pela referência à produção industrial. Assim nasceram, do trabalho desenvolvido em uma cerâmica de Rio Novo (MG), os tijolos disformes e retorcidos do artista.

A rigidez do ferro é transformada em leveza, como na série de dez hastes que, mesmo fixadas ao solo, são prenhes de um movimento latente. À austeridade do ferro, do aço e da argila se contrapõe a delicadeza das linhas formadas pela luz – elemento patente em Bentes. Invertendo seu papel na escultura convencional, o artista transporta a luz para o interior de suas obras, que ganham uma profundidade oculta. Assim são compostas as telas negras e cinzas, com fendas enigmáticas, às quais é submetida a sensibilidade dos espectadores.

A obra de Bentes valoriza a investigação por novos usos e significados de materiais usados pelo homem desde o início de sua história. As diversas fases da carreira do artista carioca, representadas na exposição, refletem um apreço por antagonismos, estejam presentes na materialidade ou nas sensações despertadas pela observação de suas esculturas.



Maurício Bentes, S/Título, s/data, ferro pintado.

Nascido em 1958, no Rio de Janeiro, Maurício Bentes estudou Economia e, além da escultura, dedicou-se também à fotografia. A passagem por escolas e oficinas de arte deu início à sua formação artística, influenciada por dois de seus mestres: Celeida Tostes, da Escola de Artes Visuais do Parque da Lage, e Haroldo Barroso, da Oficina de Escultura do Museu do Ingá, em Niterói. Assim, surgem em sua obra marcas do expressionismo arcaizante de Celeida e do construtivismo, caro a Haroldo Barroso.

Embora carioca, o artista desenvolveu uma relação única com o interior de Minas Gerais – morou em Guarani por algum tempo e possuía parentes em Rio Novo, onde foram realizadas as peças da série de “Tijolos”, produzidas na Cerâmica São Francisco. Membro da “Geração 80” do Parque do Ingá, Maurício Bentes não temia ser acusado de obter seu sustento através da arte, que, para ele, só pode ser legítima quando instintiva e capaz de se comunicar com o público.

Bentes participou de diversas exposições coletivas, como nas bienais de São Paulo de 1987 e 1989; no Museum of the Americas, em Washington (EUA), em 1993; e na mostra *Viva Brasil Viva*, em Estocolmo (Suécia), em 1991. Suas obras estão presentes em importantes acervos de museus brasileiros, como no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no de São Paulo, no Paço Imperial, e agora no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), que recebeu da família do artista algumas das obras presentes em *Maurício Bentes: Esculturas*.

MF

### EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA Reitor: Henrique Duque de Miranda Chaves Filho Vice-reitor: José Luiz Rezende Pereira Pró-reitor de Cultura: José Alberto Pinho Neves CINE-THEATRO CENTRAL Conselho: Eduardo Sérgio Leão de Souza, Karla Beatrix Grande Pancini, José Alberto Pinho Neves, Lênio de Paula Mota, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos Supervisor administrativo: Marcelo do Carmo Rodrigues Supervisor de produção: Paulo Roberto Soares de Oliveira

PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. Jornalista responsável: Nelma Fröes Edição: Izaura Rocha Diagramação: Lígia Lacerda Bolsistas: Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF), Lilian Souza, Lucília Bortone (LB) Fotógrafo: Alexandre Dornelas Colaboração: Natália Luz Revisão: Darlan Lula, Mariana Campos www.theatrocentral.oversec.com.br

ERRATA: Informamos que na edição n. 15 do Próto, a foto creditada a Niva Melo é de autoria do fotógrafo ALEXANDRE DORNELAS.